I

Era no tempo em que as pessoas se perdiam. Perdiam-se e não era de amores nem de riso que se perdiam. Não. Perdiam-se e nem sequer era dentro de si próprias, no labirinto das suas mentes, como ainda hoje acontece com os loucos esquizofrénicos. Naquele tempo, perdiam-se cá fora, na malha dos seus passos, confundindo as esquinas e as ruas do seu trajeto. Perdiam-se mesmo, no sentido original do verbo perder-se, que entretanto se extraviou...

«Não te percas», era como os nossos avós se despediam das pessoas, e julgavam saber do que estavam a falar. «Não te percas», despedimo-nos nós ainda hoje, mas não passa já de uma maneira de dizer, uma interjeição. Mimados de civilização, damo-nos ao luxo de não apreciar a extraordinária liberdade de que gozamos. Deslocamo-nos pelo Labirinto, desatentos aos nossos passos como à nossa própria respiração. Lançamos um olhar ao LSF[1] *de pulso e distraidamente conferimos a quantas esquinas estamos do destino e do ponto de partida, e a direção que devemos tomar em cada bifurcação.*

Avaria-se o LSF e nem por isso entramos em pânico. Basta lembrarmo-nos das coordenadas do nosso destino e lá chegaremos orientados pelos códigos afixados nas placas, esquina após esquina. Senão, seguimos as setas que indicam a direção do largo mais próximo e lá encontraremos telefone público e mapas coloridos, uma esquadra de polícia com roteiros completíssimos e, o que é mais cómodo, quiosques com LSF de aluguer.

Nada disto havia naquele tempo. O nome das ruas ainda não fora inventado e estas eram ainda geometricamente idênticas. Não era como é hoje, que ousamos alterar as portas, encimando-as com ogivas e arcos abatidos, ou esculpindo-lhes arabescos;

[1] Para o caso de o leitor se ter esquecido do significado das iniciais da sigla L. S. F., apesar de a usar todos os dias, significam «Localizador Sem Fios».

eliminamos degraus e colocamos rampas para deficientes; boleamos esquinas; ampliamos janelas para instalarmos as montras das lojas; chegamos mesmo a abolir parcialmente paredes para criar espaços mais amplos, evitando apenas tocar nas paredes-mestras e nos pilares ocos que sustentam o céu.

Naquele tempo, não havia ferramenta, e muito menos atrevimento, para riscar sequer as paredes onde viviam os demónios bons e os demónios maus. Geometricamente, o Labirinto era absoluta monotonia e não é fácil conceber como teria a Humanidade prosperado, ou sequer sobrevivido, se não fossem as Cores.

Porque eram as Cores que permitiam distinguir cada rua de cada rua seguinte. Eram Elas que permitiam distinguir cada largo dos largos vizinhos. Sem Elas, não só uma pessoa poderia perder-se sem o saber, como poderia pensar-se perdida sem o estar. Eram as Cores, tanto como os rostos dos entes queridos, que asseguravam ao viajante de longo curso, quando regressava, que estava na sua rua, defronte da sua casa.

Não admira, pois, que a primeiríssima regra do famoso Código do Bom Labirinto *ordenasse:*

«Memoriza as cores da tua fachada. Memoriza as cores da tua rua e das ruas à volta do hexágono de que habitas um sexto[2][...] Memoriza as cores do teu largo e as cores do caminho entre o teu largo e a tua rua. Memoriza as cores dos largos mais próximos e aprende de cor, a cor do caminho entre cada um deles e o teu largo [...]»

Estas palavras têm mais de cinco mil anos[3], mas cristalizam uma sabedoria muito anterior, um instinto que terá nascido com a própria Humanidade, e que era o que permitia aos homens sobreviver na monotonia geométrica e letal dos labirintos.

Não admira que adorassem as Cores. Não admira que temessem os génios e demónios coloridos que habitavam cada parede, cada degrau, cada peitoril, cada lintel. Não admira que os alimentassem com orações e sacrifícios e abluções rituais. Não admira que houvesse penas severas para quem profanasse as Cores. Tudo não era

[2] Um sexto [de um hexágono] designava aquilo que hoje em dia os arquitetos designam por setor, os profissionais das agências imobiliárias por apartamento T2, e a que maioria das pessoas chama: a minha casa.

[3] Datam de 3800 a.R.C., as primeiras versões fragmentárias do *Código do Bom Labirinto*. que mudaria de nome para *Código das Sagradas Cores* no ano zero da nossa Era, ano da fundação da Santa República das Cores. Seria substituído já neste século, mais precisamente em 326 d.R.C., aquando da separação do Estado e da Igreja das Cores, pelos vários códigos legais e religiosos que hoje vigoram: o *Código Civil*, o *Código Comercial*, o *Código Penal*, etc., etc.

demais para manter contentes os demónios do lar e da rua, para que protegessem e orientassem os seus habitantes, impedindo que se perdessem.

Foi neste mundo perigoso, de colorido sagrado e fundamental, em que as Cores eram tão importantes como a água ou como o pão, como o ar ou como o vinho, que viveram e espantosamente foram sobrevivendo, geração após geração, essas infelizes criaturas de alma mutilada, esses aleijados da alma que para muitos nem sequer o nome de homens mereciam: os cromopatas.

Assim principia o livrinho que mudou a minha vida. Sem ele, talvez eu tivesse seguido uma carreira académica normal e não tivesse inconscientemente deslizado, esquina após esquina, decisão após decisão, na direção de um abismo insuspeitado.

O livro intitula-se *Ascensão e queda dos cromopatas* e foi-me oferecido por um velho professor de História a quem recorri em desespero de causa. Precisava de um orientador de doutoramento, e os professores que até então sondara — os meus preferidos — todos se tinham escusado.

Mas é melhor explicar. Até porque, duas semanas antes, a situação era bem diferente. Nessa altura era eu quem recusava as propostas dos professores que me assediavam para fazer com eles o doutoramento, atraídos pela minha fama de melhor aluno do curso.

O que entretanto mudara fora que, numa arrogância muito minha, eu decidira escolher, eu próprio, o tema da minha tese. Não queria nenhum daqueles temazinhos muito restritos, muito limitados, que me propunham, estilo *A evolução do sistema imperial de coordenadas no século V a.R.C.* ou *As trocas comerciais com os confins no reinado de Púrpura IX*. Queria um tema de doutoramento que fosse realmente relevante e, ao mesmo tempo, pouco estudado. Queria uma matéria sobre a qual se pudesse fazer uma tese original e que desse nas vistas. Queria brilhar!

Mas rapidamente descobri que os assuntos realmente importantes e decisivos são aqueles que toda a gente quer estudar: a descoberta da escrita ou do sistema de coordenadas, os grandes reis e os seus feitos, a fundação, a unificação, as cisões e as fraturas, as reunificações, as guerras decisivas, as grandes alianças e as grandes conquistas, as grandes derrotas... Todos esses temas tinham sido estudados, reestudados, virados do avesso e finalmente partidos em bocadinhos tão pequeninos

e examinados com lupas tão grossas que não havia margem para a originalidade por que eu ansiava...

Então lembrei-me dos cromopatas.

Os cromopatas, sim, essas criaturas malévolas que povoam a nossa linguagem e assombram os nossos pesadelos. Os cromopatas, sim, essas criaturas cujo nome já não sabemos ao certo quando o ouvimos pela primeira vez.

Eu lembro-me da minha mãe como o leitor certamente se lembrará da sua:

— Se não comes a sopa, mando vir o cromopata — ameaçava ela nesse campo de batalha que era a mesa da cozinha, e eu obedecia.

Mas um dia vomitei a sopa e fui de castigo para a cama sem jantar. E lembro-me de choramingar no escuro, olhos fixos no risco de luz por baixo da porta, à espera de ver sombras e a porta abrir-se. Só que, em vez do cromopata, foi a minha mãe quem acendeu a luz. E lembro-me dela abraçada a mim, eu lavado em lágrimas, ela muito aflita:

— Oh, meu filhinho, meu querido filho! Prometo que nunca mais o chamo! Nunca mais! — prometia. E beijava-me descontroladamente e explicava: — A mãe não pode chamá-lo porque ele não existe. Os cromopatas não existem... — repetia ela, num remorso, embora eu não soubesse ainda o significado da palavra existir...

E foi talvez com um travo azedo na boca que me lembrei dos cromopatas como tema para o meu doutoramento, decerto um dia em que na cantina da faculdade serviram o detestável creme de cenoura. De repente lembrei-me do deserto que fora o meu curso de História, no que aos cromopatas dizia respeito.

De facto, na iminência de me licenciar em História por uma reputada universidade, eu não sabia mais sobre essas criaturas do que aquilo que as crianças aprendem ainda hoje no quarto ano de escolaridade. Mesmo o reinado de Negro I fora reduzido aos episódios que tínhamos lido no livrinho da quarta classe: as loucuras e crueldades do rei, o seu governo de cromopatas e, por fim, aquele decreto insano que abolia as Cores e inevitavelmente provocou a guerra. Quanto à extinção dos cromopatas após a derrota, essa então, estava reduzida a frases avulsas ou a notas de pé de página.

Entusiasmado, dediquei algum tempo a procurar o que havia sobre cromopatas na literatura científica e não encontrei nada de interessante que cobrisse o período que me interessava. Era Ouro sobre Azul! Faltava um livro sobre eles, sobre a sua saga e a sua sina. Faltavam artigos científicos. Que belo tema para uma tese, pensei! Qualquer professor ficará entusiasmado de poder orientar um aluno brilhante como eu, num tema aliciante como este...

Foi o que pensei, mas não podia estar mais enganado...

Os professores recebiam-me de braços abertos, sorriam de orelha a orelha quando lhes dizia que queria trocar impressões sobre o meu doutoramento, mas assim que eu pronunciava a palavra cromopata, os rostos cerravam-se e as desculpas surgiam. Tornavam-se evasivos, alegavam que aquele tema que eu propunha não era da sua especialidade, e voltavam a sugerir os assuntos que lhes eram caros: repisados, pequeninos, bafientos.

Um dos professores foi mais explícito:

— Os cromopatas? — disse, escandalizado. — Você tem a certeza de que quer estudar os cromopatas?

— Porque não? — perguntei. — Trata-se de um tema como outro qualquer...

— Um tema como outro qualquer, meu rapaz?! Até onde pode ir a ingenuidade?! Jovem, você não sabe no que se mete...

— Realmente, não faço ideia...

Mas ele não procurou elucidar-me:

— Por amor das Cores, arranje outros interesses... Meu rapaz — disse —, você é inteligente, tem a vida e o sucesso à sua frente. Não há muitas pessoas com essa sorte. Não a desperdice!

— Mas... — comecei eu, com a intenção de perguntar-lhe o que havia de errado com a vontade de estudar os cromopatas, mas ele cortou-me o pio.

— Tenha humildade para ouvir uma pessoa mais experiente — recomendou, levantando-se.

A conversa acabara ali. Abriu-me a porta do gabinete e deu-me nas costas uma palmadinha que ainda hoje me arde, por não ter seguido o seu misterioso conselho. E estendeu-me a mão.

Mas depois não a largou... Olhava para mim, através de mim. Durante dois enormes segundos, olhou para mim sem me ver, cegado pelo ruído silencioso das engrenagens que lhe estalavam no cérebro, prestes a gripar. Então abriu a boca e desfez tudo quanto de saudável me tinha dito até então:

— Olhe, eu não devia dizer isto, mas enfim... cada qual tem o direito de cometer os seus próprios erros. Vá ter com o meu colega Amitola. Nesta faculdade não vejo mais ninguém que o possa ajudar. Só mesmo ele... É doido o bastante para o fazer e está quase a reformar-se. Ele ao menos não tem nada a perder.

O Amitola? Era um professor que nem me tinha ocorrido e, com franqueza, não fiquei agradado com a sugestão. Lembrava-me dele das aulas de Labirintologia II. Era um homenzinho mirrado, míope e careca, que usava uma barbicha muito branca, estilo ponto e vírgula, e debitava as matérias com voz fanhosa e desinspirada.

Mas era também a minha última oportunidade, quer dizer, a última hipótese de não ter de engolir o orgulho e voltar com o rabinho entre as pernas para um daqueles professores que tinha tratado com tanta sobranceria.

Encontrei-me, pois, no gabinete mais desarrumado que alguma vez vi na vida. Havia livros não só em estantes, como no chão, em pilhas que ameaçavam ruir a cada momento. Os papéis transbordavam de duas enormes secretárias e o velho Amitola teve de remover uma resma de exames de uma das cadeiras para eu me poder sentar e dizer o que pretendia.

Ouviu-me sem que o seu rosto indecifrável se alterasse. Não reagiu quando lhe disse que me interessavam o reinado de Negro I, a guerra das Cores e os primórdios da Santa República. Não lhe detetei ponta de emoção quando proclamei que o desaparecimento dos cromopatas era para mim um mistério fascinante, a desvendar. Esperou que eu gastasse o meu fôlego e disse, naquela sua voz nasalada:

— Já me tinha soado que você andava por aí... E não sei porquê, imaginei que acabasse por vir bater à minha porta... Mas confesso que não imaginava ver de repente a minha imagem num espelho, baço de

quarenta anos... Tal e qual a mesma teimosia, a mesma arrogância, a mesma inconsciência... Você acha-se então com força para enfrentar o Labirinto? Será que ninguém o avisou?

— Acho que sim, professor, acho que tentaram qualquer coisa desse género, mas a verdade é que não percebi nada.

— É natural. São velhas feridas, velhas culpas que os séculos não conseguiram cicatrizar — disse ele, enigmaticamente. — É uma história longa e complicada, que não se conta numa hora...

Pensei que ele se preparava para fugir com o rabo à seringa e engelhei a testa, mas ele leu o meu pensamento:

— Eu sei o que você está a pensar, eu sei... Cá está mais um a fugir com o rabo à seringa... é isso não é? É ou não? Mas desta vez garanto-lhe que não é o caso. O que se passa é que prefiro dar-lhe uma coisa para ler.

Levantou-se e tirou então da estante esse livrinho de cor incerta, tão fino que nem o título cabe na lombada: *Ascensão e queda dos cromopatas.* Estendeu-mo:

— Ofereço-lhe — disse —, tenho mais exemplares. Leia e volte para falar comigo. Nessa altura tomaremos uma decisão. E agora peço-lhe desculpa, mas tenho de preparar uma aula.

Agradeci e não perdi tempo. Na biblioteca da faculdade arranjei um lugar recatado. Ia finalmente satisfazer a minha curiosidade. Abri o livro e comecei ansiosamente a ler aqueles parágrafos do prólogo que acima reproduzi: *Era no tempo em que as pessoas se perdiam. Perdiam-se e blá-blá-blá...*

A minha expetativa era enorme e talvez isso contribuísse para o desapontamento que me iam causando aquelas primeiras páginas. Estava a ficar irritado. Aquilo não era linguagem de obra científica. Era incrível que numa brochura tão fininha o autor gastasse três páginas inteiras encantado com a sua prosa floreada, a dizer aquilo que toda a gente sabe, pelo menos desde a quarta classe!

Ou então não tinha nada para dizer... Foi o que pensei e levantei os olhos do livro e olhei à minha volta. Outros estudantes liam, escreviam, sussurravam convictamente entre si, aparentemente sabendo o que estavam a fazer.

Eu era o único que olhava em redor... E de repente duvidei. Pensei: o velho é doido, como disse o outro. Repeti: o velho é doido e eu sou teimoso e esta minha teimosia é uma perda de tempo...

Foi porventura o último assomo de sensatez que me cruzou o espírito, a última barreira entre um destino normal e o abismo. Voltei ao livro. Ao menos acabaria o prólogo. Os meus olhos caíram na página e avancei pelos últimos parágrafos:

Quem eram estes cromopatas? Que sabemos nós verdadeiramente sobre essas criaturas que se extinguiram há mais de trezentos anos?

Seriam mutantes, como já alguém sugeriu? Ou sofriam apenas, como é hoje aceite, de uma doença terrível que ao tempo se chamava moléstia cinzenta e a que hoje se dá o nome de cromopatia?

E quais os sintomas dessa doença? Que provas há de que os cromopatas fossem moral e fisicamente deformados?

E porque é tão escassa a investigação a seu respeito?

É sobre algumas destas questões que pretendo debruçar-me, questionando ideias feitas e propondo alternativas que, sendo difíceis de demonstrar, merecem todavia tanto crédito como a versão canónica que é ensinada desde os bancos da escola até às cadeiras da universidade.

Aqui terminava o prólogo e a minha vida estava decidida. Já nada me faria vacilar. Agora tinha a certeza absoluta do que queria. Aquelas, sem nunca ter sido capaz de as explicitar com clareza, eram as perguntas que há muito rastejavam no meu subconsciente...